

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## O POEMA DE PARMÊNIDES E A VIAGEM INICIÁTICA

Izabela Bocayuva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

De todos os deuses que concebeu, Amor foi o primeiro<sup>1</sup>.  
Brilho noturno de luz alheia vagando entorno à Terra<sup>2</sup>.  
Sempre espreitando os raios do Sol<sup>3</sup>.

Como concordar com Nietzsche quando este acusa Parmênides de frieza? Mesmo levando em conta que o pensador alemão está considerando sobretudo as passagens do Poema de Parmênides em que este se pronuncia acerca do Ser e seus sinais, não podemos concordar com ele. Diferente desse crítico contundente de Parmênides, mas também de muitos outros que lhe são até muito favoráveis, assumimos aqui a posição interpretativa bem clara de que o pensador de Eléia absolutamente não quis nem conscientemente nem inconscientemente instaurar os princípios lógicos da identidade, da não-contradição ou do terceiro excluído. Parmênides não tem ainda a ver com o formalismo do pensamento que virá a seguir, mesmo que esse formalismo tome Parmênides como referência. Seu poema é a descrição do fenômeno da iniciação filosófica, fenômeno esse que a rigor não pode ser descrito através de uma fala habitual. Não é à toa que a forma escolhida por Parmênides para fazer essa descrição indescritível foi o poema, e ainda por cima um poema que fala de uma experiência exclusiva, heróica até, de um homem abandonando sua condição para ser iniciado em uma inteiramente outra maneira de perceber, aquela que passa agora pelo filtro divino. E é por isso mesmo, por estar falando de iniciação, algo imensamente sutil e delicado, pertencente ao âmbito dos Mistérios, que não teria escrito tampouco para que um dia se fizessem tantas leituras

---

<sup>1</sup> B 13. Tradução Fernando Santoro.

<sup>2</sup> B 14. Tradução Fernando Santoro.

<sup>3</sup> B 15. Tradução Fernando Santoro.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

analíticas e bem concatenadas de suas palavras poéticas de pensamento radical, tais como a tradição vem procurando realizar seja com maior ou menor aceitação entre os especialistas. Não que não se possa ou não se deva fazer leituras que analisem o Poema de Parmênides. Muito pelo contrário. Se seu pensamento nos encanta, isso já é motivo suficiente para nos pormos a comentá-lo e a conversar a seu respeito. Afinal, é por isso mesmo que nos encontramos hoje aqui. Mas que nosso encontro seja menos o de uma preocupação especialista com minúcias de um texto tomado arqueologicamente do que o de uma verdadeira ocupação admirada com o poema como um todo ao mesmo tempo que com a atualidade do grandioso pensamento antigo grego, venerável começo do Ocidente.

O que se faz atual para nós, através do Poema de Parmênides, o que jamais tem como envelhecer, não é outra coisa senão a iniciação em toda sua complexidade, esse fenômeno que proporciona ao homem, com toda justiça, a visão do todo, do universal, do que não pode não ser, e isso à medida que necessariamente entra em contato o mais clara e nitidamente consigo mesmo, isto é, com o modo de ser sempre parcial do mortal.

Ora, num sentido que ainda terá que ficar claro, o que perfazendo a totalidade absolutamente não pode não ser é o Ser. No Poema, é a voz da Deusa que fala dessa necessidade a qual é imediatamente compreendida pelo poeta, pois, Fala divina e compreensão daquele que é iniciado coincidem. A Deusa apenas fala aos ouvidos que *podem* escutá-la. Quanto a essa coincidência que de modo algum é uma questão pouco relevante, cabe tecer, antes de tudo, algumas considerações. Para tanto precisamos ir direto ao Proêmio do Poema de Parmênides.

Ali um homem, o poeta escritor e narrador de sua própria experiência de iniciação, se solta por inteiro do apego à visão habitual de toda e qualquer coisa. Ele deixa a obscuridade ou a visão noturna que supostamente um homem sempre exerce em meio aos mortais, deixa a Noite que mais adiante será chamada de via em que vivem errantes os homens que, bicéfalos, nada sabem<sup>4</sup>. Entretanto, o abandono do poeta em relação a uma tal situação não pode jamais deixar de ainda trazê-la de algum modo consigo. Mesmo que de maneira negativa, o poeta é um homem desses. Não pode não sê-lo. É um homem e sempre o será, ainda que esteja em processo de radical transformação de perspectiva. É, aliás, justamente quando assume o mergulho na obscuridade do desconhecimento que ele salta num ímpeto desprendendo-se. Mas, quando assim destemidamente salta, é aparado no ar pelo carro em movimento de divindades filhas do sol que vêm lhe trazendo, então, numa viagem, agora sim, de cada vez

---

<sup>4</sup> Cf. B6, 4-6. Tradução Fernando Santoro.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

maior claridade. Uma viagem que entra numa dimensão especial da linguagem. Trata-se de uma via muito loquaz. Toda palavra, todo gesto, todo movimento a partir de então são de outra natureza; um movimento considerado divino, um movimento divino *feminino* de vertiginosa nascividade. E Parmênides não chama seu poema justamente de "Acerca da Nascividade"? Um movimento que vai em direção à revelação da Verdade e que é tratado por ele dramaticamente como sendo musical, pois é ao som do ranger das rodas do carro que soam como seringas que as divindades conduzem esse homem na direção da aurora, até a morada da Deusa que bem persuadida o saúda e acolhe prontamente e por inteiro. Veremos que esse gesto tão singelo e de tamanha importância que é o acolhimento por inteiro por parte da Deusa impregnará tudo o que ela seguirá dizendo. E do que mais estaria ela a falar quando diz direto ao viajante: "É preciso que de tudo te instruas<sup>5</sup>"?

Estamos chegando mais perto do ponto para o qual queríamos chamar atenção, quando falamos de coincidência entre Fala da Deusa e compreensão do iniciado. Trata-se de algo crucial para um relacionamento autêntico com o texto de Parmênides.

O acolhimento da Deusa em relação ao viajante só se deu dentro de determinadas condições. Foi preciso que Díke fosse persuadida pelo apelo das filhas do sol a favor do poeta, para então destrancar a passagem da qual detém as chaves. Com esse consentimento, entendemos que Díke diz, mesmo sem pronunciar palavra: "Ele encontrou a medida. É justo que ele ultrapasse o umbral das portas do Dia e da Noite, é justo que para ele aconteça o deslocamento radical dos eixos delas". Eis que o que era noite virou dia. A visão do invisível se torna possível. Agora o poeta, o homem que tomou o caminho apartado dos homens, pode ver com uma clareza que antes não existia. Agora ele é um iniciado.

E quanto a nós, somos nós iniciados também? Com que direito podemos estar ouvindo a voz da Deusa? Pois é somente por haver um iniciado em jogo que entra em cena, no poema, a voz da Deusa que, aliás a nosso ver com muito mais intensidade do que todas as outras forças femininas que no poema aparecem, ali surge no papel da Nascividade enquanto tal, isto é, da própria *Physis* em pessoa. Mas insistamos. Estamos nós preparados para ouvir a voz da *Physis*, a voz que, como o *Logos* de Heráclito, anuncia algo claro sobre a Unidade: Um tudo? Ou melhor, que não anuncia algo claro *sobre* a Unidade, mas anuncia a Unidade enquanto totalidade ela mesma. Muito melindroso, sabemos, é comparar esses dois pensadores. Mas deixemos por enquanto de lado a discussão entorno da certeza manualesca de que eles se opõem. Continuemos aquela indagação que nos atinge em cheio como leitores e intérpretes do

---

<sup>5</sup> Cf. B I, 28-29. Tradução Fernando Santoro.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

Poema. Será que conosco está a coincidir ausculta e compreensão tal como acontece com o poeta em relação ao caminho loquaz em que adentra privilegiadamente? O quão longe podemos estar dessa experiência de iniciação, armados até os dentes com nossos instrumentais conceituais, com nossas técnicas e métodos de aproximação rigorosa dos textos filosóficos! Não é que não deva haver rigor. Não há nada mais rigoroso do que o Poema de Parmênides! Que sejamos sim também rigorosos em nossa análise do Poema filosófico que temos diante de nós. Mas que se entenda por isso procurarmos muito mais nos exigir a participação na mesma disposição daquele que se apresenta diante de Díke do que procurarmos satisfazer as exigências de não sair das linhas interpretativas já autorizadas. E isso não tem nada a ver com uma desconsideração pela tradição. A fortuna crítica relativa a um texto da antiguidade tem um imenso valor e é de suma importância inclusive para nos ajudar a sermos capazes de empreender a procura a qual aqui nos propomos. Mas é que mesmo levando em conta toda a fortuna crítica existente, não podemos nos esquivar do contato em primeira mão com o texto com o qual lidamos, principalmente um texto – como é o caso do Poema de Parmênides – carregado de *pathos*. Sendo assim, é fundamental que diante dele possamos responder positivamente à interrogação: será que temos o direito de avançar, de ultrapassar o umbral das portas do Dia e da Noite? Mas assumamos que tal proposta de rigor um tanto até pretensiosa não nos dá garantias nem para fora nem para além do nosso próprio caminhar atento. Correr esse risco faz parte, em todos os tempos, do esforço de pensar. Deixemos que ressoe a seguinte pergunta: será que algum sonante e luminoso carro divino nos aparará nesse abismo em que nos lançamos?

É sabendo, portanto, que se trata agora de estarmos ouvindo uma linguagem inabitual que enquanto pronunciamento da própria *Physis* revela, como veremos, ao iniciado a Verdade, que voltamos neste momento com todo cuidado à questão principal: a compreensão do poeta de que o que absolutamente não pode não ser é o Ser. Por outro lado, o que necessariamente não pode ser é o não ser. Estas são chamadas, a partir daquele que foi considerado o fragmento de número 2 (B2) do Poema, as únicas duas vias pensáveis, embora uma só delas seja transitável, a primeira, chamada caminho de persuasão que segue a Verdade, sendo a via do não ser inteiramente insondável. O não ser não há. Só há o Ser. Mas se é assim, se a revelação da realidade ontológica é esta, se só há o Ser, se ele consiste na totalidade de tudo o que há, é preciso ouvirmos com atenção especial o final da fala da Deusa no Proêmio dizendo: "Mas é preciso que de tudo te instruas, tanto do intrépido coração da Verdade persuasiva, quanto das opiniões de mortais em que não há fé verdadeira. Contudo,

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

também isto aprenderás: como as opiniões (*ta dokounta*) precisavam patentemente ser, atravessando tudo através de tudo<sup>6</sup>.

Embora essa fala se pronuncie para dar conta do cognoscível, a totalidade do que o poeta aprende ouvindo a voz da Deusa não consiste num conhecimento sobre algo. Ele não se instala friamente diante de uma realidade distante da qual ele deveria tomar conhecimento como se fosse uma "matéria de uma disciplina escolar". O que ele escuta e simultaneamente compreende, e dessa forma conhece, diz respeito a uma compreensão profunda da realidade do real que significa também o alcance de uma clara noção acerca de si mesmo que no entanto sempre já vinha operando. Todo iniciado, na verdade, se busca a si mesmo<sup>7</sup>. Mas que não se entenda com isso uma busca psicológica ou pessoal. Antes são os próprios limites da mortalidade, mas também da vitalidade que ele aprende. No poema toda a fala da Deusa acerca do Ser estará pontuando essa experiência *sui generis* com o Ser a qual é chamada conhecimento da intrepidez da Verdade, em contraste com uma outra que fôra deixada para trás. Quando a Deusa recebe o poeta como alguém que se aparta da senda dos mortais, isso se dá justamente porque, diferente daqueles que vivem como surdos e cegos, o iniciado é aquele que vive experimentando sua condição mortal. Aprendendo a Verdade, ele aprende o que sempre é e a rigor não pode não ser, a saber, a intrepidez da Verdade mesma, à medida que ela inclui algo insuperável: as ilusões dos mortais ou suas opiniões, mas também igualmente – e é preciso frisar bastante isso –: a mais expressa necessidade de ser das mesmas opiniões entretecendo a teia das realizações, ainda que nelas não haja fé verdadeira. A partir de então ele terá sempre acesso a sua condição iludida, mas também insuperável no sentido de imprescindível, enquanto mortal. Através do filtro divino no olhar poderá perceber sua lida opiniosa, parcial com a realidade do real, que em outros tempos passava por único modo de ser e ver. A percepção do poeta deixa de ser exclusivamente parcial para tornar-se capaz de abarcar por inteiro a totalidade de tudo o que é, incluindo si mesmo em sua parcialidade constitutiva. Percepção (*noein*) e o Ser (*einai*) em sua totalidade revelada somente agora, nessas condições, são o mesmo<sup>8</sup>. Um tal conhecimento nada tem, portanto, a ver com um conteúdo informativo apreendido, mas sim com a experiência viva de uma outra inteligibilidade, mais nítida e radical por alcançar a origem obscura de onde provém. Mas para nos aproximarmos do que vem a se esclarecer nessa experiência de inteligibilidade é

<sup>6</sup> Cf. B I, 29-32. Tradução de Fernando Santoro.

<sup>7</sup> Ouvimos o eco do fragmento 101 de Heráclito: "Eu me busco a mim mesmo". Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Mas também eco do fragmento 1.

<sup>8</sup> Cf. B3: "...pois o mesmo é a pensar e a ser." Tradução de Fernando Santoro.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

necessário nos perguntarmos que ilusão seria aquela que compõe a intrepidez da Verdade. É também igualmente necessário termos nitidez quanto ao sentido de uma tal intrepidez, característica não só da Verdade como também do próprio Ser<sup>9</sup>, o único que há, segundo a fala da Deusa.

Consideremos primeiro a intrepidez do Ser constituindo a totalidade de tudo o que há. Em B8 podemos encontrar um bom caminho para isso. Lá estão expostos diversos sinais do Ser. Em primeiro lugar, o Ser é ingênito e imperecível. Se nascesse viria do não ser, se morresse tornar-se-ia não ser, mas o não ser é o que não há. Assim, o Ser nem nasce e nem morre sendo todo junto neste agora, sem ter nunca sido e nem podendo ser no futuro, pois consiste num agora contínuo. Ele é também todo único, intrépido e sem meta. É uno, indivisível, todo equivalente, todo pleno do que é, ente a ente acercando. É imóvel e limitado. É o mesmo sobre si mesmo repousando. É acabado, não carente de coisa alguma. As divindades Témis, Díke, Anánke (Necessidade) e Moira (Destino) ajudam na instauração de sua imobilidade fundamental. Vemos que todos esses sinais apontam para o que absolutamente não sofre qualquer alteração, isto é, o intrépido, o que não trepida, o que não treme, ou seja, o serena e completamente imóvel.

Não é à toa que nos manuais de filosofia Parmênides é identificado como o "pensador do imobilismo", sendo até mesmo contraposto a Heráclito, por exemplo, identificado, por sua vez, como o "pensador do mobilismo". Aliás, quando nos pomos a estudar Parmênides, logo esse estudo é bombardeado pelo lugar comum que consiste nesta oposição que acabamos de indicar, baseada sempre numa leitura manualesca superficial do pensamento a partir de "ismos". Esse bombardeamento se dá seja no caso de sermos professores numa sala de aula, vindo neste caso da parte de alunos, munidos de algum manual facilitador, seja também no caso de sermos alunos e então o bombardeamento pode vir tanto da parte desses manuais mesmos, que nesse caso cumprem o papel de um primeiro contato informativo acerca dos pré-socráticos, quanto pode vir também – o que pode ser bem pior – da parte de algum professor. Então, segundo essa leitura que chamaremos aqui de irresponsável, Parmênides seria o "pensador" que negaria o movimento à medida que importaria – não se sabe bem como – a perspectiva de uma dimensão inteligível para a qual tudo estaria parado (?!), enquanto Heráclito seria o "pensador" para quem tudo estaria em incessante movimento (?!). Mais uma vez deixaremos para mais tarde a discussão, ainda que breve, sobre uma suposta oposição

---

<sup>9</sup> Cf. B8, 4.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

entre esses dois pensadores, para nos dedicarmos mais de perto à questão da imobilidade do Ser, sem dúvida alguma, presente textualmente no poema do pensador de Eléia.

Conta-se como tendo sido acontecimento de época que adversários dos eleatas os desafiaram a fim de provar que a tese do imobilismo era falaciosa. Marcaram, então, um encontro em praça pública a fim de provar que o movimento é possível. Para demonstrarem isso, puseram-se então a caminhar de um lado para outro da praça. Diante dessa prova demonstrativa, os eleatas não ficaram parados. Muito pelo contrário, eles se viram em pleno direito de aplicar uma surra nos ingênuos desafiantes. O que nos ensina essa história não depende de ela ter de fato acontecido. Mesmo que seja uma anedota – e, se for apenas uma anedota, sua força como história talvez seja ainda maior – ela tem muito a nos dizer da interpretação rasteira da imobilidade do Ser parmenídico como sendo um parado que se oporia a um deslocamento no espaço ou até mesmo ao movimento de um modo geral.

Segundo a Deusa do Poema de Parmênides, o Ser é intrépido, é imóvel. Nesta imobilidade ele é uno, nada havendo além dele, seja antes ou depois do que quer que seja. Aliás, nem se pode falar em um antes ou depois, pois somente há o agora contínuo, constante. Por isso mesmo temos de convir que o que será aprendido pelo poeta não é senão o que sempre já foi, inclusive antes desse aprendizado, o mesmo sobre si mesmo repousando, o que já sempre vigorou do mesmo modo. Ora, sendo assim, acontecendo por parte do que se mostra como imóvel que ele também incluía a transformação tão radical e explícita como é a do poeta, como identificar a imobilidade do Ser com o estado inerte?! Além disso, o que seria, então, da imagem da viagem narrada pelo poeta? Pois a cada passo dessa viagem há movimento: são retiradas de véus, deslocamentos, destrancamentos, alterações. A imobilidade do Ser parmenídico nada tem a ver, portanto, com alguma cessação do movimento ou com qualquer tipo de fixidez estéril. Se se tratasse disso, nem mesmo a Deusa poderia estar a falar coisa alguma, pois falar é estar no movimento de um desdobramento constante. Mas, então, como entender a imobilidade que aqui estamos identificando com a intrepidez do Ser?

O Ser é uno e imóvel. É, no entanto, importantíssimo se dar conta de que não se pode ouvir essas determinações acerca do Ser, olhando para o que se dispõe prontamente ao alcance de nossos olhos. Lembremos de que "os olhos" do iniciado podem ver, agora que acompanham as indicações da Deusa, o habitualmente invisível. Eles podem enxergar num só lance – ao qual chamamos anteriormente o adentrar na iniciação – a totalidade de tudo o que é, a totalidade da qual nada fica de fora e na qual nada é nem maior nem menor do que seja o que for. Assim, a unidade do Ser é imóvel exatamente porque abarca tudo, tanto o alto quanto o baixo, tanto o quente quanto o frio, tanto o forte quanto o fraco, tanto o iniciado quanto

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

também, e com o mesmo vigor, os homens em sua surdez e cegueira em relação aos sinais do Ser. É por isso que somente o Ser é e o não ser não é, pois nada não é. O alto é, o baixo é, o quente é, o frio é, e assim por diante igualmente com a mesma força de determinação. E não estamos com isso querendo apontar para uma multiplicidade, embora a linguagem faça parecer isso. O Ser enquanto totalidade nada tem a ver com a soma de partes. Muito pelo contrário, o Ser enquanto totalidade consiste na sua uníssona aparição. Eis no que consistia a compreensão da intrepidez da Verdade indicada pela própria *Physis*, a nascividade enquanto tal. Toda vez, pois, que o mortal comum acredita estar diante do não ser, como, por exemplo, quando diz diante do forte que ele não é o fraco, ele já se desviou da compreensão de que em verdade tudo igualmente é, sendo suas constatações relativas ao não ser apenas afirmações iludidas. E não é só isso, toda vez que o mortal nomeia ou acredita estar diante de seja o que for em particular ele também já se desviou da compreensão da totalidade da qual é capaz o iniciado. É que tudo quanto há, na totalidade, antes de tudo é o Ser. Não é possível, portanto, escapar ao Ser.

Uma bela dica disto que acabamos de dizer se encontra entre os versos 34 e 41 de B8<sup>10</sup>. Ali está dito: "O mesmo é o que é a pensar e o pensamento de que é. Pois sem o ente, no qual está apalavrado, não encontrarás o pensar. Pois nenhum outro nem é nem será além do ente, pois que Moira já o prendeu para ser todo imóvel; assim será nome tudo quanto os mortais instituíram persuadidos de ser verdadeiro: surgir e também sucumbir, ser e também não, e alterar de lugar e variar pela superfície aparente". O pensar que sempre apalavra o que é, vê, do ponto de vista do filtro divino do olhar, tudo aquilo em que acreditam os mortais como sendo mero nome, o que quer dizer, mera particularidade que na verdade são modos do Ser aparecer. Uma tal filtragem inabitual do olhar vê que surgir e sucumbir, ser e não ser, alterar de lugar e variar pela superfície são aparentes coisas ou situações variadas as quais teriam se perdido da fé verdadeira ou verdade originária, segundo a qual tudo isto apenas igualmente somente é. Atenção. Não se trata aqui de estarmos falando de aparências de um suposto mundo sensível e sim de toda uma perspectiva de inteligibilidade da realidade a qual só tem olhos para o particular. Mas esta dimensão das aparências, a saber, o âmbito das realizações no real que concernem a todo mortal, assim como aparece dito no fim do Proêmio, é o que jamais pode ser superado. Ao invés disso, a indicação divina da intrepidez da Verdade a inclui, mesmo que com ela não se confunda, pois como ali está dito: as opiniões dos mortais "(*ta dokounta*) precisam patentemente ser, atravessando tudo através de tudo". E é preciso

---

<sup>10</sup> Tradução de Fernando Santoro.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

termos cuidado ao considerarmos o conselho da Deusa ao longo do Poema, a saber, o afastamento da dimensão das opiniões. Não podemos nos esquecer nunca esse fim do Proêmio que acabamos de citar novamente. O afastamento da via dos mortais sinaliza um conflito constante, porque, mesmo que o poeta já não esteja mais entregue exclusivamente à via das opiniões, essa é uma perspectiva que jamais um homem enquanto homem poderá abandonar inteiramente.

Do ponto de vista da Deusa, mas também agora do iniciado que a ausculta, toda opinião dos mortais igualmente é, com a mesma força de ser, compondo elas também a totalidade do Ser, ajudando em sua intrepidez que a tudo abarca. Assim, a imobilidade do Ser tem muito mais a ver com a tremendamente ampla abrangência de tudo em todos os tempos (se é que podemos falar assim), de tal forma que não carece de nada, não havendo nada fora dele.

Em relação ao opinar, devemos dizer que é também em B8 que temos uma explícita oportunidade de entrar em contato com ele. A Deusa ali diz como se comportam os mortais bicéfalos: "Em contrários cindiram a articulação e puseram sinais separados uns dos outros: de um lado fogo etéreo da flama, ténue, muito leve, o mesmo que si mesmo em toda parte, mas não o mesmo que o outro, oposto ao que é, por si mesmo, os contrários, noite opaca, articulação densa e pesada<sup>11</sup>". Os mortais são aqueles que vivem a partir da cisão do que se encontrava articulado, por isso mesmo são chamados bicéfalos. A dicotomia é sua marca. Fogo e noite, leve e pesado são aqui apenas emblemas dessa falta de visão para a articulação. Mas o que se encontrava articulado senão a integração numa unidade, a integração no seio do Ser de tudo quanto há, uma integração garantida justamente pela Moira? Nós, enquanto mortais, somos tanto os que podem sintonizar com uma tal unidade – o que no poema a Deusa, quando saúda o poeta, chama de uma boa Moira – quanto também somos os que podem dela se extraviar acreditando que somos nós a decidir arbitrariamente pelo andamento da realidade do real à medida que optamos por isso ou por aquilo.

É muito comum se ouvir dizer que Parmênides é o primeiro metafísico porque operaria uma separação, uma dicotomização, entre dois mundos: aquele em que vivem sensivelmente os mortais e aquele em que vive o poeta mergulhado em pensamentos sobre um Ser etéreo, irrealizável. Há, porém, um grave problema quanto a esse modo de falar. Uma tal interpretação estaria a platonizar Parmênides, pois afirma que ele separa mundo sensível e inteligível, mas isso significa estar lendo em seu Poema aquilo que lá não se encontra. Como

---

<sup>11</sup> B8, 55-59. Tradução de Fernando Santoro.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

Nestor Cordero mesmo acentua no fim de seu comentário crítico sobre o Poema: "...nós não cremos, como certos autores, que a Doxa parmenídica seja uma explicação ou uma descrição do universo 'sensível', do mundo das aparências. Como nós já dissemos, nós não encontramos em Parmênides um dualismo 'mundo inteligível versus mundo sensível', e acontece o mesmo em relação ao plano gnosiológico onde não se trata de uma antítese do tipo 'intelecto versus sentido'. O 'objeto' do conhecimento é o mesmo para o homem que é acolhido pela divindade e para o mortal que se serve cego de seu pensamento: esse objeto é a realidade, a totalidade da realidade<sup>12</sup>".

Ora, nos orientando rigorosamente pelo Poema, se devemos chamar alguém de metafísico por dicotomização, esse alguém seria a condição mesma do mortal, de todo mortal, pois quem de fato opera freqüentemente a dicotomia são os mortais sem qualquer iniciação, satisfeitos apenas com uma habitual arbitrária discursividade de gestos e de palavras que então lida com a realidade a partir do que nasce e morre, do que é e não é. Não é que não haja lugar para esse modo de perceber a realidade chamado opinião que na verdade nos é constitutivo. Muito pelo contrário, como já dissemos e vamos agora reiterar, ele é insuperável. Entretanto, a Deusa aponta para uma outra perspectiva. É quando se pode dar conta da divina Necessidade de ser de tudo quanto há, é quando se pode dar conta de que tudo percebido como diversidade não é senão a realização do único e do mesmo: o Ser. Eis o único que se pode chamar de fé verdadeira e inabalável. Quer dizer que somos nós mesmos que opiniosamente, enquanto mortais, em pensamentos e ações dicotomizamos a realidade a todo o momento sem decidirmos pelo Ser em sua unidade originária. Fazemos isso quando ajuizamos sobre isso ou aquilo, quando tendemos arbitrariamente para isso ou para aquilo sem nunca conseguir fazer a experiência do acolhimento tal como realiza a Deusa quando recebe e acolhe por inteiro o poeta em sua morada. Termos dito que o gesto de acolhimento da Deusa permeava toda a sua fala ao longo do Poema não era exagero. Pois é sobretudo acerca disso que ela fala, à medida que pronuncia a unidade do Ser que a tudo abarca. Assim, ao indicar para o poeta o que ele deve aprender, indica, ao mesmo tempo, como ele deve fazê-lo, a saber, como alguém que como ela acolhe por inteiro. A intrepidez ela mesma consiste neste acolhimento o mais amplo possível.

A fala da Deusa, a compreensão divina da realidade, é antes de tudo acolhimento. Trata-se de uma disposição especial de quem deixou de ser um mero mortal a escolher esta ou aquela posição. Trata-se de uma disposição pronta a pensar toda e qualquer coisa que se dá a

---

<sup>12</sup> Cf. CORDERO, Nestor-Luis. *Les Deux chemins de Parménide*. Paris: Vrin, 1984, p.212-213.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

pensar. Parece até que nos encontramos neste momento diante do Parmênides septuagenário do diálogo de Platão, à medida que ele de certa forma repreende a juventude de Sócrates quando este acredita que a sujeira não se inclui no âmbito daquilo que se deve considerar ontologicamente. E não se trata, agora que citamos Platão, de estarmos platonizando. Bem diferente disso, estamos nos encontrando com uma interpretação que está à altura do pensamento que ele próprio interpreta. Estamos diante de um diálogo entre gigantes. Platão naquele texto nos mostra com toda calma e precisão a análise parmenídica da idéia do Uno enquanto o surpreendente acolhimento de tudo em todas as suas possibilidades ao mesmo tempo. É o que fica claro nas últimas palavras do diálogo:

O uno, se existe e se não existe, ele próprio e todas as outras coisas, seja em relação a si mesmos seja em suas relações recíprocas, todos eles são e não são de modo pleno, aparecem e não aparecem de modo pleno.(166 c 2-5)<sup>13</sup>

E não seria justamente também disso que nos fala Heráclito, por exemplo, em seu fragmento 102?: "Para o Deus tudo é belo e bom e justo. Os homens, porém, tomam umas coisas por injustas, outras por justas<sup>14</sup>". E os homens chamados por Parmênides, bicéfalos, não serão eles exatamente os mesmos que Heráclito vê como dormindo apesar de estarem acordados, ou como surdos apesar de estarem ouvindo ou como ausentes apesar de estarem presentes, ou como sem experiência apesar de experimentarem muitas coisas<sup>15</sup>?

Estamos finalmente agora a tocar diretamente no ponto da comparação entre Parmênides e Heráclito. Não vamos nos estender numa análise exaustiva dos fragmentos deles dois, o que implicaria em um trabalho a parte. Tocaremos apenas em dois pontos que na verdade já exploramos nesta nossa comunicação. Assim, se for despreconceituosamente que lidamos com esses dois pensadores, como não entender como extremamente similares o Proêmio e o primeiro fragmento de Heráclito? Pois ambos nos falam de um homem apartado do modo de ser e comportar-se da maioria e isso de tal forma que um tal homem está numa relação mais originária com a linguagem a qual é capaz de descobrir a totalidade. E não é só nisso que se assemelham. Também é semelhante nos dois pensadores o modo de acolherem explícita e necessariamente a maioria, cuja lida parcial com a realidade não permite fé verdadeira. Em Parmênides já vimos como este acolhimento está expresso no fim do Proêmio, à medida que se percebe como as opiniões dos mortais devem tudo atravessar. Em Heráclito a

<sup>13</sup> PLATÃO. *Parmênides*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1977.

<sup>14</sup> Tradução de Emmanuel Carneiro Leão.

<sup>15</sup> Cf. fragmentos 1, 2, 19,34,73,89. Trad. Emmanuel Carneiro Leão.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

mesma idéia está presente no fragmento 75, no qual ele afirma que "os que dormem também são operários (...e cooperam nas obras que acontecem no mundo)<sup>16</sup>".

Com tal comparação por semelhança, porém, não queremos dizer que Heráclito e Parmênides falem da mesma forma. Não. Sua forma de se expressar é inteiramente diversa realmente. Enquanto um afirma a imobilidade do Ser, o outro fala do fluxo sempre novo das águas dos rios como imagem do Ser. Entretanto, sua forma diversa de falar não decide sobre uma suposta oposição no conteúdo daquilo que seu discurso enuncia. Ainda que de forma inteiramente diferente, ainda que por caminhos inteiramente diferentes, esses pensadores chegam ao mesmo lugar, a saber, à compreensão da unidade ou totalidade de tudo que há. Um afirma esta unidade como a vigência enquanto tal – e que já está sempre em operação – de tudo que é e pode ser, enquanto o outro afirma a mesma unidade como sendo o manancial donde emerge inesgotavelmente tudo que é e pode ser. Vemos que ambos lidam com a importante noção do Possível. Não um possível condicional ou de possibilidades hipotéticas, mas o Possível que tragicamente só chega a ser por força do Poder da Necessidade. Não é à toa que Parmênides nomeia Témis, Díke, Anánke e Moira como divindades que participam da amarração e limitação da unidade do Ser. Não é à toa também que Heráclito fala em seu fragmento 114 em lei una e divina que deve guiar o homem que se concentra na reunião de tudo.

Usando a terminologia parmenídica, afirmamos, portanto, que é mera opinião que cinde a articulação em contrários, aquela que coloca em oposição Parmênides e Heráclito. Não podemos aceitar a superficialidade de considerar o primeiro como alguém que ignora o movimento e desprezaria a *physis* e o segundo como alguém que exclusivamente pensando a *physis* ignoraria o repouso. Ora, quanto a Parmênides já falamos da imagem da viagem e de vários aspectos de movimento que ela traz consigo. Quanto a Heráclito, é dele, por exemplo, o fragmento 84 que diz exatamente: "transformando-se, repousa". Ora, insistimos que no que toca a consideração de seu relacionamento com a *physis*, é absurdo querer separar Parmênides dela. Muito pelo contrário, o que percebemos é que ambos estão igualmente a falar do Princípio enquanto tal ou acerca da *Physis*, ainda que com vocabulário muitas das vezes até oposto. E afirmamos que a maior preocupação dos dois, com seu vocabulário específico, é anunciar dois modos distintos de aproximação em relação ao Princípio, sendo um deles o dispersivo habitual e o outro, chamado iniciação, aquele que passa por uma experiência rara, a

---

<sup>16</sup> Tradução de Emmanuel Carneiro Leão.

Bocayuva, Izabela  
O Poema de Parmênides e a viagem iniciática

do exercício do salto para fora do meio da maioria e que é capaz de, vindo do alto, abarcar, num acolhimento que não mais ajuíza, a totalidade de tudo o que é.

Depois de dezenas de centenas de anos, os fragmentos desses dois pensadores continuam a nos colocar inteiramente em xeque. Somos nós hoje capazes de suportar a experiência do vigor do Princípio, seja como vigência, seja como manancial do Possível? Seremos nós ainda sensíveis para um tal questionamento ou já nos tornamos tão sedentários na Planície planetária das informações e dos discursos autorizados, que se nos tornou impossível empreender qualquer viagem? Certamente que não nos restou apenas a discursividade informativa. Uma prova disto é este Simpósio mesmo, que fomenta a conversa e investigação acerca do muito venerável Poema de Parmênides. Mais uma vez, nos valendo da terminologia parmenídica, desejamos que se possa, atravessando os tempos, continuar a falar a esse respeito, mas também de muitas outras inabituais questões como um sinal de que não se tornou uníssonas a dimensão das opiniões.

## BIBLIOGRAFIA

- AUBENQUE, Pierre. *Études sur Parménide*. (2 tomes) Paris: Vrin, 1987.  
 CASSIN, Barbara. *Si Parménide*. Presses Universitaires de Lille, 1980.  
 CORDERO, Nestor-Luis. *Lês Deux chemins de Parménide*. Paris: Vrin, 1984.  
 OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2005. 4ª ed.  
 PARMÉNIDE. *Sur la nature ou sur l'étant*. Trad. Barbara Cassin. Paris: Éditions du Seuil, 1998.  
 PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Trad. Fernando Santoro. Rio de Janeiro: Laboratório OUSÍA (Universidade Federal do Rio de Janeiro), 2006.  
 PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Trad. José Trindade Santos. São Paulo: Loyola, 2002.  
 PLATÃO. *Parmênides*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1977.